DÊITICOS DE ESPAÇO EM NARRAÇÕES DE FUTEBOL NA TV ABERTA BRASILEIRA

José Haroldo Bandeira Sousa[1]

Anna Victória Barros Costa[2]

Maria Eduarda Monteiro Moura[3]

INTRODUÇÃO

Este texto resulta da investigação da narração e comentários, em jogos de futebol, em virtude da dêixis de espaço. Tem-se como cerne de análise os termos usados pelos narradores, em especial, a dêixis, que, no seu sentido etimológico, significa apontar, uma ação de mostrar, indicar, assinalar. Apesar de ter sido aplicada à descrição das línguas desde a Antiguidade como termo metalinguístico, o termo foi usado, pela primeira vez, pelos gramáticos gregos. Só muito mais tarde a noção de dêixis passou a ocupar o lugar que hoje lhe é atribuído na teorização linguística.

Este trabalho, portanto, ressalta o modo como narradores e comentaristas conceptualizam o campo de futebol, a bola, jogadores, juíz e auxiliares, no intervalo de tempo de noventa minutos, em geral, sem qualquer eventual acréscimo a esse tempo padrão, a fim de projetar no ouvinte uma organização mental que lhe facilite entender esse espaço, uma vez que, no campo de futebol, duas equipes se contrapõem, tendo como marco divisor o meio de campo e cujo intento maior de ambas é fazer com que a bola, instrumento de disputa entre elas, chegue ao gol adversário. Portanto, colocar-se em situação de compreensão, em relação ao modo como tais profissionais da comunicação conceptualizam os espaços mentais intrínsecos ao futebol, tendo como referência os atores dentro desse palco esportivo, é uma empreitada de enorme envergadura.

Em uma partida de futebol, evento esportivo de maior influência cultural no Brasil, a fim de tornar as duas equipes em situação equânime, tem-se as equipes, inicialmente, em partes opostas do campo e, a partir dessa configuração, simultânea e paradoxalmente, a posição da bola, a cada instante, determina a noção de ataque e defesa.

Os narradores são peças fundamentais nos jogos de futebol, são eles que descrevem cada momento da partida, sendo assim importantes para os interlocutores. Mas para falar da narração, temos que começar pelo conceito. Gomes (2015) fala que narrar é expor as sequências de um fato ou acontecimento; contar; historiar; relatar. Ou seja, narrar é a forma pela qual se transmite um momento que foi vivenciado. Todos os significados que designam a narrativa estão diretamente ligados à oralidade, um dos meios essenciais na comunicação.

No futebol, tem-se a junção de todos os significados designados pelo dicionário na figura do narrador. Porém, há uma notória diferença: ele é o profissional responsável por observar tudo o que acontece dentro e fora das quatro linhas e relatá-las em tempo real ao espectador, ou seja, apropriando-se de uma imagem, ele deve utilizar a sua oralidade para transmiti-la da maneira mais precisa e clara possível, para que não haja ruídos entre o real e o imaginário, afinal, é este que circunda a mente do receptor, no caso do rádio. A oralidade e a narrativa devem ser claras em qualquer veículo, cada uma a seu critério. Na TV, para ser fiel à imagem e fugir do óbvio; no rádio, para possibilitar ao ouvinte "enxergar" o jogo.

1 Doutor em Linguística (UFRJ), Docente do Departamento de Letras/CECEN. E-mail: haroldobandeira@professor.uema.br

2 Discente do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. E-mail: annavistudy@gmail.com

3 Discente do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA – studyduds1@gmail.com

Para Santos (2010), a narrativa esportiva se apresenta como um gênero de discurso que comprova o caráter único da enunciação. Dessa forma, um jogo poderá ser narrado de forma diversa, de acordo com a emissora que o transmite, o próprio narrador, o gênero dos jogadores, os times que estão em campo, o espectador, o suporte (TV ou rádio), dentre outras tantas condições de produção que influenciam a direção que um determinado discurso pode tomar. No decorrer da narração esportiva, o narrador impulsiona estratégias não apenas linguísticas, mas também elementos constituintes da cultura e da sociedade na qual ele e o seu alocutário se inserem. Por outro lado, a partir do momento em que o narrador se coloca como sujeito de seu discurso, ele imprime sua subjetividade, sua visão sobre os fatos que vê no gramado, pretendendo construir um sentido para o telespectador ou ouvinte. Para isso, o narrador instiga estratégias enunciativas que podem funcionar como instrumentos de persuasão, a fim de obter uma maior adesão ao que diz, utilizando-se de termos dêiticos.

A visão aristotélica sobre os dêiticos e revista e ampliada por Fillmore (1971), que sugere a ampliação das categorias tradicionais da dêixis de pessoa, de tempo e de lugar, introduzindo as categorias de dêixis discursiva e dêixis social à noção aristotélica. Para esse autor, a dêixis é um nome dado às propriedades formais de enunciados que são interpretados por determinados tipos de conhecimento e de aspectos do ato da comunicação, em uma dada situação comunicativa, em que se incluem: a identidade dos interlocutores, sendo pelo termo dêixis de pessoa; o lugar ou lugares em que os indivíduos estão localizados, para os quais se tem o termo dêixis de lugar; o tempo em que o ato de comunicação se situa, denominado dêixis de tempo; a matriz de material linguístico em que o enunciado tem um papel, que remete à dêixis discursiva; e por fim, as relações sociais que envolvem os participantes do ato de comunicação, que se agrupam sob o rótulo de dêixis social.

Na segunda metade do século XX, com o desenvolvimento dos estudos enunciativos, Benveniste institui a dêixis como indicador de subjetividade, em um contexto enunciativo (apud Pires e Werner, 2007). Ele estabelece repensa o problema dos pronomes em relação às oposições, como uma heterogeneidade entre o par eu/tu e o pronome ele. A estrutura das relações de pessoa apresenta-se como correlação entre o eu-tu, enquanto pessoa, opondo-se a "ele", que não apresenta o traço de pessoalidade, ou como o autor nomeou a correlação de personalidade. Na verdade, se estabelece uma outra relação – à correlação de subjetividade, na qual, o eu, instaura o tu. Esse tu, exterior, somente pode ser pensado a partir do próprio eu. Essa correlação de subjetividade trouxe para a linguística os novos elementos de uma semântica da enunciação. Benveniste postula subjetividade e realidade ao mesmo tempo, e o elo de ligação é a dêixis. Para ele, essa classe de palavras não deve ser mais unitária ao se referir à forma e à função.

Esse trabalho tem como fio condutor o estudo sobre a dêixis de lugar ou de espaço. Nesse intento, resgatam- se os trabalhos de Pontes (1992) e Teixeira (2005).

A descrição dos dêiticos de lugar, em geral, baseia-se na oposição entre 'o que está próximo' e 'o que está afastado' do falante. Nessa linha, Pontes (1992), explica a oposição espacial entre aqui/aí/ali/lá. Para a autora, há uma oposição entre aqui/aí/ali/lá que se deve a uma questão de proximidade e distância de um referente. Segundo essa autora, há uma relação de contiguidade, em que "a relação de contiguidade é maior com *aqui* e menor com *ali*. Esta gradação se completa com *lá*." (Pontes 1992, p.13), como se verifica a seguir:

Quadro 1 - Oposição espacial

próximo		distante
aqui	ali	lá

Fonte: Pontes (1992, p.15).

O quadro 2 estabelece uma relação semântica entre esses quatro advérbios. No eixo da distância, diferenciam-se três graus:

Quadro 2 - Distância

Pessoa	1	2	3
1	Aqui		
2	Aí		
3		Ali	Lá

Fonte: Pontes (1992, p.16).

Combatendo a inexatidão da análise de Pontes (1992), Teixeira (2005) afirma que as unidades que tendem a se opor por um único traço opositivo, não deixam Pontes perceber que a distância é apenas um dos elementos que entra em todo o modelo e que, por vezes, nem sequer é o elemento mais importante, podendo até mesmo ser "ignorado". Teixeira (2005) defende que, em primeiro lugar, **lá** não pertence ao mesmo quadro opositivo de **aqui/aí/ali,** mas, a um outro, constituído apenas por **cá/lá/(acolá**). É evidente que os dois quadros se podem "misturar" numa situação de comunicação, embora a oposição **cá/lá** não se estruture em função das relações 1ª/2ª/3ª pessoa.

Teixeira (2005) defende, portanto, que nem o conglomerado **cá/lá/(acolá)**, quanto o de **aqui/aí/ali**, não se estruturam em função das três pessoas verbais, mas em função da situacionalidade de LOC e ALOC, o que não é a mesma coisa: as formas **ali/lá/acolá** não indicam o espaço da terceira pessoa, mas um espaço não pertencente quer ao LOC quer ao ALOC:

Quadro 3 - Situacionalidade de LOC e ALOC

Espaço do LOC	aqui, cá
Espaço do ALOC	aí
Espaço não pertencente ao LOC e ALOC	ali, lá, acolá

Teixeira (2005) afirma, ainda, que, diante de determinadas situações, a "distância" não é critério único para a oposição espacial de **aqui/aí/ali/lá** e que, às vezes, faz-se exatamente o contrário da proposta por Pontes: a uma menor distância corresponde **lá** e a uma maior distância **ali**. Teixeira (2005) explica que embora a distância seja em função da acessibilidade que molda genericamente estes dois grupos de marcadores espaciais (*aqui e cá*), tal vertente não é conceptualizada da mesma forma pelos dois grupos.

METODOLOGIA

Esse texto é resultado de uma pesquisa é descritiva e interpretativa, visto que são analisadas e interpretadas as ocorrências de expressões que indicam espaço em jogos de futebol, baseadas em jogos que terminaram em empate. Em outras palavras, os jogos selecionados tiveram os seus resultados empatados. Uma tentativa de neutralizar qualquer aspecto emotivo dos narradores e comentaristas. Assim, entre setembro 2024 e fevereiro de 2025, houve a coleta dos jogos que seriam analisados. Sendo eles: Corinthians X Palmeiras (2X2); Flamengo X Vasco (0X0).

Inicialmente, tem-se a ficha técnica de cada confronto, com a citação das equipes, da competição, da data do confronto e, finalmente, do narrador.

Organizam-se os dados pela ordem numérica, pelo tempo do jogo em que ocorreu a jogada, a expressão usada e, finalmente, a descrição da jogada.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Jogo 1 - Corinthians X Palmeiras (2X2)

- **Competição**: Campeonato Paulista
- **Data do jogo**: 16 de fevereiro de 2023
- **Narrador**: Jorge Iggor Collaro

A seguir, demonstra-se o quadro com as expressões que denotam espaço no primeiro jogo:

Quadro 4 - 1° tempo

NUMERAÇÃO	TEMPO	SITUAÇÃO NO JOGO	DESCRIÇÃO DA JOGADA
1	41:37	"Mais um corte gigantesco do zagueiro do Palmeiras"	O zagueiro do Palmeiras defende a bola do escanteio do Corinthians, e manda a bola para longe da área de defesa.

Quadro 5 - 2° tempo

NUMERAÇÃO	TEMPO	SITUAÇÃO NO JOGO	DESCRIÇÃO DA JOGADA
2	8:03	"Passa embaixo do Cássio"	Jogador do Palmeiras marca escanteio, à direita do goleiro, levanta a bola e outro jogador do Palmeiras marca o gol, passando a bola por baixo do goleiro do Corinthians.
3	27:47	"O Murilo manda para frente"	Um jogador do Corinthians chuta a bola para grande área, e um jogador do Palmeiras defende a bola, mandando-a para o meio de campo.
4	32:05	"Bola pingou na grande área"	Um jogador do Corinthians chuta a bola, fazendo-a quicar no chão.
5	46:00	"Gustavo chuta em cima do Renato Augusto"	Um jogador do Palmeiras, na grande área para fazer sua defesa, chuta a bola em cima de um jogador do Corinthians.
6	46:50	"Fausto teve que se virar para mandar para escanteio"	O Palmeiras estava atacando, e um jogador do Corinthians, na sua defesa, mandou a bola para o lado do escanteio.

Jogo 2 - Flamengo X Vasco (0X0)

- **Competição:** Campeonato Carioca
- **Data do jogo:** 4 de Fevereiro de 2024
- **Narrador:** Luís Felipe Freitas (Cazé TV)

Apresenta-se, seguir, as expressões que denotam espaço no primeiro jogo:

Quadro 6 - 1° tempo

NUMERAÇÃO	TEMPO	SITUAÇÃO NO JOGO	DESCRIÇÃO DA JOGADA
1	10:35	"Já fez a finta e deixou no chão"	De La Cruz, no meio de campo, fez um drible e despistou a bola do jogador do Vasco, deixando-o no chão.
2	27:47	"Cebolinha chuta em cima do Pedro e a sobra fica com o De La Cruz"	Pedro e Cebolinha passam a bola um para o outro, no meio de campo, e houve um atrito da bola com o Pedro que, consequentemente, vai para o De La Cruz.
3	31:00	"Vem bola fechada"	Payet marca escanteio, à direita do goleiro, e a bola vai em direção ao gol, por dentro.
4	31:10	"É difícil uma bola dessa pingar dentro da área e ninguém subir"	Quando Payet marca o escanteio, ele levanta a bola, e um jogador dá toque de cabeça, que faz a bola subir, mas ninguém consegue marcar gol, na grande área.
5	38:42	"Vem jogadinha por baixo"	Um jogador do Vasco está no escanteio, à esquerda do goleiro, mas não levanta a bola, e sim passa para outro jogador.

Quadro 7 - 2° tempo

NUMERAÇÃO	TEMPO	SITUAÇÃO NO JOGO	DESCRIÇÃO DA JOGADA
6	2:11	"Por baixo"	Payet joga a bola por baixo para o David no meio de campo.
7	2:17	"Python já levanta"	Python sobe a bola, no meio de campo, para o Vegetti que está na grande área, onde dá uma cabeçada e joga a bola para fora.
8	40:20	"A defesa do Vasco corta"	Um jogador do Flamengo faz cobrança de falta no meio de campo, levanta a bola, mas os jogadores do Vasco fazem toque de cabeça, jogando a bola para longe.
9	44:47	"Ele cai no canto esquerdo e encaixa o pênalti de Gabigol"	Pênalti para o Flamengo. Gabigol chuta a bola para o lado esquerdo do goleiro, que consegue pegar a bola.
10	49:17	"Essa bola pinga na grama"	Leo Pereira passa a bola por baixo, no meio de campo, que corta no jogador do Vasco, e a bola sobe.

Observa-se que Luís Freitas usa muito mais expressões que denotam espaço que o Jorge Iggor. Percebe-se que durante o jogo Corinthians X Palmeiras, Collaro usa poucas expressões como "levantou", "passou". Ele não cita o nome da bola, porém já se sabe que está falando desta. Já Freitas em Flamengo X Vasco, usa muito as palavras "cima", "baixo", "passou por cima", ele descreve com mais ênfase cada jogada dos jogadores com a bola.

Sondando a questão da noção de defesa dos dois narradores analisados, eles não focam tanto quanto no ataque, priorizam mais quem está com a bola realizando as jogadas do que quem está defendendo.

Nota-se que o centro dêitico de todos esses narradores é a bola. Eles enfatizam cada jogada da bola, por onde vai, em que lado vai, o quão rápido vai, quem está com ela, quem domina. Observa-se também, que eles se utilizam de expressões parecidas que indicam espaço como "levantou", "pingou", "passa por cima/baixo", "mandou", que podem ser colocadas tanto para o ataque, quanto para a situação de defesa. Os narradores conseguem assumir a perspectiva do jogador, e por certo, os dêiticos e as expressões os ajudam a tomar esse ponto de vista com mais clareza do que está ocorrendo em campo.

A narração de futebol é um gênero discursivo que exige do narrador a habilidade de descrever eventos em tempo real, transmitindo precisão e dinamismo. Durante situações de ataque, a velocidade do jogo aumenta, e o narrador precisa comunicar a emoção e a tensão do momento, orientando o ouvinte no espaço e no tempo da partida. Nesse cenário, os dêiticos exercem um papel crucial, permitindo referências eficientes e envolventes a elementos do jogo.

A análise dos dados coletados permitiu identificar que os narradores de futebol utilizam uma grande variedade de dêiticos durante a descrição de jogadas de ataque. Os dêiticos espaciais, como "aqui", "ali", "lá", são frequentemente empregados para indicar a posição dos jogadores e da bola em campo. Já os dêiticos temporais, como "agora", "já", "em seguida", são utilizados para marcar a sequência temporal das jogadas.

Os dêiticos espaciais são importantes para indicar a localização de jogadores e da bola em campo, ajudando a formar uma imagem mental das jogadas. Expressões como "aqui na área" e "lá na frente" situam o ouvinte no espaço do jogo, criando uma sensação de iminência. Por exemplo, ao dizer "aqui na área, o atacante recebe a bola e chuta para o gol!", o dêitico "aqui" transmite proximidade em relação ao gol.

Nesse contexto, quando o narrador afirma "aqui na entrada da área", o "aqui" não corresponde ao espaço físico de sua fala, mas sim ao espaço enunciativo do campo, uma reconfiguração discursiva que projeta o narrador para dentro da cena do jogo. Esse deslocamento demonstra a força da dêixis espacial como ferramenta de envolvimento, permitindo ao público experienciar o ataque como se estivesse presente no campo.

O espaço linguístico organiza-se em torno do hic/ego (aqui/eu), deslocando-se a cada nova enunciação; já o espaço tópico se ancora em pontos de referência fixos, como "na pequena área" ou "atrás da defesa". Nos lances de ataque, essas duas dimensões coexistem: a narração alterna entre marcadores móveis ("aqui pelo lado direito") e descrições fixas ("lá no fundo do campo"), compondo uma dinâmica que guia o espectador pela progressão do jogo. Isso confirma que o futebol constitui um terreno privilegiado para observar a interação entre diferentes modalidades de espaço dêitico.

A dêixis espacial no ataque não se limita à localização da bola, mas também evidencia relações de oposição e proximidade entre os jogadores. Expressões como "entre aqui e ali, no espaço vazio", "pela lateral" ou "em direção ao gol lá na frente" traduzem, linguisticamente, a tática de ocupação dos espaços no campo.

Nesse sentido, o discurso narrativo do futebol espelha a própria lógica do jogo: atacar implica deslocar-se para frente, ocupar espaços e reduzir distâncias em relação ao alvo. A dêixis, portanto, cumpre um papel de tradução discursiva da estratégia tática, tornando visível para o espectador aquilo que os jogadores executam em campo.

Os resultados também indicam que a dêixis espacial é especialmente produtiva na construção de imagens de movimento e velocidade. Como observa Lyons (1977), a dêixis

articula-se à noção de movimento quando o espaço é atualizado em função do deslocamento de um referente.

No ataque, frases como "o jogador avança lá pelo meio", "corta aqui para dentro" ou "chega ali na frente do goleiro" criam um encadeamento de micro referências, que projetam no discurso a continuidade da jogada. Esse uso reforça a ideia de que o futebol, enquanto prática discursiva, depende da constante atualização de pontos espaciais para que a narrativa mantenha coerência e dinamismo.

A investigação confirma que a dêixis espacial, no âmbito do futebol e em especial nos lances de ataque, atua em múltiplos níveis: (i) localiza jogadores e bola em um espaço enunciativo; (ii) cria focos de atenção e expectativa no público; (iii) traduz estratégias táticas em linguagem; e (iv) projeta movimento e continuidade da ação. Esses resultados corroboram que a dêixis espacial não é apenas uma questão de localização, mas um recurso expressivo que estrutura o sentido do discurso esportivo.

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, percebe-se que a dêixis é um ramo da linguística muito importante e interessante de ser trabalhado na questão da comunicação, da interação, visto que até em narrações de futebol, ela consegue ser usada para mostrar precisão e clareza nas narrações. Os narradores têm como prioridade os jogadores que atacam, dominam a bola, demonstrando que o centro dêitico é a bola. Apesar de não frisarem a defesa, ainda sim usam expressões, como aquelas expostas nas tabelas.

Nas situações de ataque, a dêixis espacial se revela ainda mais produtiva, já que possibilita ao ouvinte acompanhar a progressão das jogadas em tempo real, estabelecendo focos de atenção e expectativas quanto ao desfecho das ações.

Confirma-se que a dêixis é um recurso central para a eficácia comunicativa da narração esportiva, pois traduz linguisticamente os movimentos táticos e estratégicos do jogo, ao mesmo tempo em que constrói uma experiência narrativa envolvente. A narração de futebol não se limita a relatar fatos, mas constitui um processo discursivo complexo, no qual a linguagem atua como mediadora da percepção do jogo. O estudo da dêixis em contextos esportivos abre caminho para novas investigações sobre o papel da linguagem em práticas comunicativas dinâmicas e coletivas, reafirmando o valor da narração de futebol como objeto de estudo linguístico.

REFERÊNCIAS

ABRAÇADO, Jussara; MORAES, Rachel Maria Campos Menezes de. **Dêiticos de lugar no galego, português europeu e português do Brasil contemporâneos:** proposta de descrição/explicação. *Revista Letras*, n. 54, p. 27-45, 1º semestre de 2018. Rio de Janeiro, 2018.

COLLARO , Jorge Iggor. **Corinthians x Palmeiras | Paulistão.** Jogos Completos do Timão, 2023. Disponível em: https://youtu.be/hygi_TnMIec?si=GZejhfgXVmuyAt_5. Acesso em: 16 ago. 2025.

FABRIS, Jonata. **Narração esportiva:** história, linguagem e protagonista. Porto Alegre, 2018.

FILLMORE, Charles. **Lectures on deixis.** Berkeley: University of California, 1971.

GOMES, Rodrigo Rocha. ***Narração esportiva na televisão:*** *precisão, emoção e informação.* Monografia (Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

LEVINSON, Stephen. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1983]

LYONS, J. **Semantics**. **Cambridge**: Cambridge University Press, 1977.

MACIAS, Daniel R. **Alguns deícticos de lugar:** uma análise pragmática. Lisboa: Instituto Politécnico de Bragança, 2004.

MADRID, Rodrigo Lararesko**. Descrição de aspectos linguísticos em uma narração de futebol transmitida por rádio.** Serviço de Biblioteca e Documentação Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

PIRES, Vera Lúcia; WERNER, Kelly Cristini G. **A dêixis na teoria da enunciação de Benveniste.** *Revista Letras*, Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL/UFSM, Santa Maria, n. 33, p. 145-160, 2007.

PONTES, Eunice. **Espaço e tempo na língua portuguesa**. Campinas, SP: Pontes, 1992
TEIXEIRA, José. **A Verbalização do Espaço:** modelos mentais de frente/trás. Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, Braga, 2001.

_____. **De cá para lá e de aqui para aí:** rede de valores semânticos dos marcadores espaciais cá/lá/(acolá) e aqui/aí/ali. In: RIO-TORTO, Graça Maria; 2005.

SILVA, Gustavo A. P. da. **Pragmática**: a ordem dêitica do discurso - as representações do EU e seus efeitos de sentido. Rio de Janeiro, ENELLIVROS, 2005.